

# ESTE MUNDO EM QUE VIVEMOS

MARGARIDA CORDO

Disse Arthur Graham - «Uma das razões pelas quais temos tantos problemas nesta vida é porque insistimos em esquecer coisas que deveríamos lembrar e porque, deliberadamente, nos lembramos de coisas que deveríamos esquecer.»

Parece uma banalidade anotar que temos três relações fundamentais com o tempo, qualquer uma com características bem diferentes da outra. Se procurarmos ser sábios, a relação com o passado, deve contemplar aprendizagem e responsabilização pelo seu bom uso; a relação com o presente deve recheiar-se de gratidão e de delicadeza; face ao futuro precisamos de sentir confiança, esperança e destemor. Se assim nos fizermos seguir, daremos, seguramente, passos no sentido certo, represente isso o que representar.

O Mundo em que Vivemos é o nome dum complemento enciclopédico composto por oito livros e elaborado na década de 60 do século passado. Na contracapa pode ler-se que a intenção desta obra é proporcionar aos jovens melhores fontes de pesquisa e o acesso aos mais “sérios materiais de estudo”, neste caso sobre países e continentes, uma vez que se lhes dá “mais liberdade e se espera deles um maior sentido de responsabilidade”.

Quando olhamos para estas obras com cerca de 50 anos, somos, pois, obrigados a perceber que o planeta mudou. As fontes de acesso ao conhecimento são, agora, múltiplas. Reproduzem-se a um ritmo avassalador que já ninguém consegue controlar. O que, às vezes, parece que não muda nada são os trajetos da passagem daquilo a que temos acesso (o conhecimento) para a sabedoria, devendo isto traduzir-se no bom uso que podemos fazer dele.

Esta é talvez a maior questão e aquela à qual raramente nos dedicamos a pensar, porque a era do paradoxal não vale a pena, mas só o tudo nos basta, nos impede de parar para refletir, coisa quase fora de moda ou só destinada aos seres bastante aborrecidos para os quais realmente não sobra paciência.

Avançar na idade é obrigatório, mas parece que envelhecer é, afinal, opcional, dependendo da forma como consciencializamos o que isso significa e semeamos intuitivamente a nossa saúde mental.

Foi assim que alguém escreveu:

«Envelheço quando me fecho para as novas ideias e me torno radical; envelheço quando o novo me assusta e a minha mente insiste em não o aceitar; envelheço quando me torno impaciente, intransigente e não consigo dialogar; envelheço quando o meu pensamento abandona a sua casa e retorna sem nada a acrescentar; envelheço quando muito me preocupo e depois me culpo porque não tinha tantos motivos para me preocupar; envelheço quando penso demasiadamente em mim mesmo e, conseqüentemente, me esqueço dos outros; envelheço quando penso em ousar e até antevejo o preço que terei que pagar pelo ato, mesmo que os factos insistam em me contrariar; envelheço quando tenho a certeza de amar e deixo o coração pôr-se a pensar – Será que vale a pena correr o risco de me dar? Será que vai compensar? Envelheço quando permito que o cansaço e o desalento tomem conta da minha alma que se põe a lamentar; envelheço, enfim, quando paro de lutar.»

Não resta alternativa – é preciso reinventarmo-nos; reinventar aquilo que fazemos; reinventar o modo como estamos e aquilo que sentimos poder ser melhor; reinventar o nosso ser e estar em relação, através de uma partilha honesta de conhecimentos ou das suas fontes, para que a sabedoria flua como uma torrente em benefício de todos, sobretudo quando, efetivamente, trabalhamos em saúde.

No fim de contas, o que mais importa é cuidarmos das nossas atitudes porque o resto está quase tudo inventado. Precisamos de ir ao supermercado virtual do ser melhor e, nele, fazermos as compras certas, já que, quanto ao resto, nada falta disponível. ■

